

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (orgs.). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. 264p.

Eliana Gagliardi *

O livro é uma coletânea de trabalhos colaborativos que resultaram de três cursos ministrados, em 2010, pela professora Roxane Rojo. Dois desses cursos foram disciplinas regulares de pós-graduação no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), onde ela atua, e outro, um minicurso de verão para o Mestrado em Estudos Linguísticos da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT). A organização dessa coletânea resulta da colaboração entre Rojo, que realizou um pós-doutorado na Universidade de Genebra, e Eduardo Moura, que desenvolve pesquisa de mestrado em Linguística Aplicada no IEL/ UNICAMP, sob a orientação da professora.

A coletânea apresenta propostas de atividades de leitura crítica, análise e produção de textos multissemióticos – constituídos por diferentes linguagens –, tendo um enfoque multicultural. Envolvem, sobretudo, o uso de novas tecnologias digitais de comunicação e informação que, no dizer de um dos autores, “permitem a criação e o uso de imagem, de som, de animação e a combinação dessas modalidades”.

No capítulo inicial, intitulado Pedagogia dos Multiletramentos, Roxane Rojo coloca para o leitor algumas questões fundamentais, sobretudo para aqueles que são professores. São problematizações que visam promover uma reflexão e buscam renovar a prática dos professores junto aos quais ela exerce atividades há muito tempo.



As questões colocadas na publicação são instigantes e sustentam as propostas didáticas apresentadas nos capítulos seguintes: “Por que abordar a diversidade cultural e a diversidade de linguagens na escola? Há lugar na escola para o pluralismo, para a multisssemiose e para a abordagem pluralista das culturas? Por que propor uma pedagogia dos multiletramentos?” Segundo Rojo, os multiletramentos nos propiciam pensar, entre outras coisas, como as novas tecnologias da informação, os hipertextos e hipermídias podem mudar o que se entende, na escola, por ensinar e aprender.

Para desenvolver seus argumentos a favor dos multiletramentos, inicialmente localiza a origem histórica desse conceito que procura cobrir dois “multi”: “a multiculturalidade característica das sociedades globalizadas e a multimodalidade dos textos por meio dos quais a multiculturalidade se comunica e informa”. Também Rojo enfatiza que, ao considerar esses dois “multi”, o conceito de multiletramentos avança em relação ao de letramento que, segundo ela, “não faz senão apontar para a multiplicidade e variedade das práticas letradas.”

Ao longo do capítulo, Rojo apresenta as características e o funcionamento dos multiletramentos, justifica a necessidade de uma pedagogia dos multiletramentos e, além disso, apresenta, esquematicamente, como fazer essa pedagogia.

Para a autora, essa pedagogia, resumidamente, parte da afirmação de que o mundo contemporâneo é caracterizado pela multiplicidade cultural que se expressa e se comunica por meio de textos multissemióticos (impressos ou digitais), ou seja, textos que se constituem por meio de uma multiplicidade de linguagens (fotos, vídeos e gráficos, linguagem verbal oral ou escrita, sonoridades) que fazem significar estes textos. Essa multimodalidade, multissemiose ou multiplicidade de linguagens exige multiletramentos, quer dizer, exige, nos dizeres de Rojo, “capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas (multiletramentos) para fazer significar.” Em outras palavras: exige novos letramentos, novas práticas e habilidades: digital, visual, sonora. Exige múltiplos letramentos.

Os multiletramentos são “híbridos”, como foi acima apontado, são “interativos” (segundo Rojo, são colaborativos), sobretudo se pensarmos na tecnologia digital e suas ferramentas como, por exemplo, o blog. Também são “subversivos”, sobretudo se considerarmos o *design* do hipertexto, que permite várias conexões e trajetórias. Subvertem especialmente as relações “de controle unidirecional da comunicação e da informação (da produção

cultural, portanto) e da propriedade dos ‘bens imateriais’ (ideias, texto, discurso, imagens, sonoridades)”. No espaço digital, temos um embate, por exemplo, entre a autoria e a apropriação.

Nesse sentido, faz-se necessário que a escola discuta uma nova ética que, nos dizeres de Rojo, “não se baseie tanto na propriedade de direitos de autor, de rendimentos (que se dissolveram na navegação livre da web)”, e que também “discuta as novas estéticas que impregnam e constituem os textos contemporâneos”, multimodais, para transformar o consumidor acrítico em analista crítico.

Os princípios básicos dessa pedagogia são: formar um usuário funcional (que tenha “competência técnica e conhecimento prático”), criador de sentidos (“entenda como diferentes tipos de texto e de tecnologias operam”), analista e crítico (“entenda que tudo o que é dito e estudado é fruto de seleção prévia”) e transformador (“usa o que foi aprendido de novos modos”). Essa pedagogia envolve uma “prática situada”, ou seja, baseia-se, inicialmente, em práticas que fazem parte das culturas dos alunos (de massa, popular, erudita), em gêneros, mídias e linguagens por eles conhecidos, envolve “instrução aberta”, ou seja, uma análise dessas práticas, gêneros, mídias e linguagens e de seus processos de produção e de recepção, o que se dá a partir de um “enquadramento dos letramentos críticos que buscam interpretar os contextos sociais e culturais de circulação e produção desses *designs* e enunciados”, tendo em vista uma prática transformadora.

Assim, trabalhar com multiletramentos envolve, comumente, o uso de novas tecnologias de comunicação e informação e caracteriza-se como um trabalho que, na proposta de Rojo, “parte das culturas de referência do alunato e de gêneros, mídias e linguagens por ele conhecidos, para buscar um enfoque crítico, pluralista, ético e democrático – que envolva agência – de textos/discursos que ampliem o repertório cultural, na direção de outros letramentos, valorizados (...) ou desvalorizados (...). Implica a imersão em letramentos críticos.”

Os capítulos seguintes trazem os trabalhos colaborativos que resultaram, como já citado anteriormente, dos cursos ministrados pela professora Roxane Rojo. Seus autores, alunos desses cursos, reunidos em duplas ou trios, propõem-se a dar algumas ideias e subsídios para aqueles professores de Língua Portuguesa que querem trabalhar os multiletramentos com seus alunos. Essas propostas, que visam aos letramentos múltiplos, pretendem funcionar, nos dizeres de Rojo, como *protótipos*, “estruturas flexíveis e

vasadas que permitem modificações por parte daqueles que queiram utilizá-los em outros contextos que não o das propostas iniciais.” Ou seja, de acordo com a própria pedagogia assumida por ela, esses protótipos estão abertos à produção daqueles que irão utilizá-los e que não devem ser vistos como meros usuários.

Os *protótipos* estão agrupados sob dois títulos: “Por uma educação estética” e “Por uma educação ética e crítica”. Compondo o primeiro título, encontramos trabalhos como: “Blog nos anos iniciais do fundamental I: a reconstrução de sentido de um clássico Infantil” e “Minicontos multimodais: reescrevendo imagens cotidianas”. Nesta parte do livro, os autores enfatizam as “análises críticas das estéticas e usos das linguagens e formas em seus objetos de ensino”. Sob a segunda titulação, encontramos, por exemplo, as propostas “O maguebeat nas aulas de Português: vídeo clip e movimento cultural em rede” e “Radioblog: vozes e espaços de atuação cultural”, em que os autores ressaltam “a análise dos temas e do universo de valores que convocam, buscando uma ética crítica na análise dos textos/enunciados.”

Os autores de cada protótipo o introduzem a partir de um pequeno texto no qual colocam os objetivos e as justificativas para as atividades por eles elaboradas. Alguns desses trabalhos estão no site da editora para download gratuito (www.parabolaeditorial.com.br).